

PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA: UM OLHAR SOBRE A CONDIÇÃO POLÍTICO-IDENTITÁRIA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS NO NORDESTE

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiroⁱ
Universidade Regional do Cariri – URCA/CE

Com imenso entusiasmo e profunda satisfação, a Revista Saridh (Linguagem e Discurso) apresenta, nesta edição, Volume 2, Número 1 (2020), uma entrevista com a Professora Doutora Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, da Universidade Regional do Cariri (URCA), Ceará. A professora Cláudia Rejanne possui graduação em Letras pela Universidade Regional do Cariri (1993), graduação em Direito pela Universidade Regional do Cariri (1998), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007), com estágio no CEDITEC (Centre d'Etudes des Discours, Images, Textes, Écrits et Communications), Sorbonne, Paris XII, e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Cláudia Rejanne é professora adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (URCA). Líder do DISCULTI (Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades). Pesquisa na área de Análise do Discurso os temas: Discurso Político, Discurso Religioso, Mídias, Poéticas da Oralidade, Multimodalidades, Literatura de Cordel e Música Popular Brasileira.

Dispomos, a seguir, a entrevista que a Professora Cláudia Rejanne Grangeiro Pinheiro concedeu à equipe editorial da Revista Saridh (Linguagem e Discurso) sobre as perspectivas e incursões da ciência no campo da Linguística, com especial enfoque nos estudos do discurso e sua vinculação ao cenário do nordeste brasileiro. As respostas da entrevistada são apresentadas integralmente e revelam a amplitude, credibilidade e efetividade das pesquisas desenvolvidas em torno do discurso, em suas múltiplas e diferentes nuances e atravessamentos epistemológicos e políticos.

A participação da Professora Cláudia Rejanne vem abrilhantar nosso periódico, amplificando para todo o país (e fora dele) o imensurável conhecimento e incríveis posições de quem vive, conhece, defende e luta por uma realidade acadêmico-científica e de atuação cidadã e profissional cada vez mais engajada, assertiva e promissora. Motivo pelo qual, reiteramos o convite ao leitor para apreciar, com júbilo, esse importante momento.

1. (Revista Saridh) Como você analisa o espaço de produção e divulgação do conhecimento científico – e em especial aquele voltado à relação linguagem e discurso – no contexto da pesquisa no Brasil?

Cláudia Rejanne: Produzir e divulgar conhecimento científico não é fácil. Ainda mais em um país periférico, como Brasil, por exemplo, cujo projeto de Estado e políticas públicas governamentais, em geral, não têm como princípio e fundamento a ciência como fator de desenvolvimento humano, social e nem mesmo econômico. Portanto, esta pergunta aponta para uma resposta em duas perspectivas: a primeira, se considerarmos que o nosso campo está inserido em uma área historicamente secundarizada quanto a financiamentos, somando-se a isso o hercúleo trabalho dos colegas que fazem as coisas acontecerem. E a segunda, mesmo com todas as dificuldades, o espaço está em expansão, o que pode ser verificado a partir da própria dimensão institucional que não é a única, mas é um ponto de partida. Houve um crescimento significativo do número de Programas de Pós Graduação na área de Linguística e Literatura nos últimos vinte anos. No ano 2000, tínhamos 66 Programas e em 2018, 154, segundo dados da CAPES; aumentaram também, significativamente, os grupos de pesquisa, as redes existentes, no âmbito das Associações de Linguística, como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Associação Nacional de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (ANPOLL), Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) e de instituições específicas de Análise do Discurso, como a Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED).

Observo também, no Nordeste, um aumento substancial nas publicações de livros e periódicos da área como a Revista Estudos da Língua(gem), da UESB, por exemplo. A Universidade Regional do Cariri (URCA) tem duas revistas: a Macabéa e a Miguilim (esta recebe inclusive artigos de estudantes de graduação, em parceria com orientadores) e esta própria revista Saridh - Linguagem e Discurso. Os eventos também são importantes *locus* de difusão dessa produção. Há alguns eventos regulares como o CIAD (Colóquio Internacional de Análise do Discurso) SEAD (Seminário de Análise do Discurso), o Colóquio Internacional de Mídia e Discurso na Amazônia (DCIMA), promovido, dentre outros, pelo Grupo de Estudo, Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas (GEDAI-UFPa), o CONLID (Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso) promovido pelo Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN), dentre muitos outros (com os quais desde já me desculpo por não citar, apenas em virtude do espaço) que têm contribuído tanto para a sedimentação da pesquisa na área como para a credibilidade, aceitabilidade e respeitabilidade da pesquisa na área por outras áreas afins e por outros setores sociais.

É necessário, no entanto, que esse conjunto de fatores incida, por exemplo, na mudança dos currículos de graduação em Letras, que têm incorporado, de forma lenta, disciplinas de Análise do Discurso em suas matrizes curriculares. Preocupa-me, ainda, a forma como produzimos e divulgamos o conhecimento no Brasil. De forma naturalizada até por nós mesmos, tanto a produção como a divulgação da pesquisa em Ciências Humanas, em geral, é autofinanciada. Os eventos são autofinanciados. Há revistas que cobram para publicar artigos e livros que são produzidos, financiados e divulgados pelos seus próprios produtores. É um fato naturalizado, mas não vejo como natural, nem normal, nem desejável. Os eventos de divulgação, também, sinto a necessidade de repensar alguns formatos.

É necessário que falemos para nós mesmos de forma qualificada, sem dúvida e nem tenho solução pronta para o que aponto. Mas temos uma responsabilidade social maior do que a nossa própria audiência. Penso que poderíamos criar mais espaços de diálogo, estreitar mais os laços com a Educação Básica, com os movimentos sociais, culturais

em geral, literários. É muito diferente uma pesquisa definida em laboratório ou nos muros da universidade de uma pesquisa surgida do calor das lutas e necessidades do contexto social no qual estamos inseridos e do povo do qual somos parte. O DISCULTI (Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades), grupo por mim liderado junto com o Prof. Marcos de França, assim como outros grupos com os quais interagimos, buscamos essa aproximação com os movimentos literários, artísticos e culturais em geral, com o movimento negro, movimentos de mulheres, de resistência indígena tanto da região do Cariri cearense, onde estamos inseridos(as), como no intercâmbio com redes de pesquisadores(as) e de movimentos sociais de outros países.

Se o grande Milton Nascimento dizia que “o artista tem que ir onde o povo está”, onde será que nós, pesquisadores da área de linguagem, professores de linguagens, precisamos ir/estar? E a pergunta é de mão dupla: onde devem estar os jovens brasileiros (negros, mulheres, indígenas, LGBTQTS, portadores de deficiências etc. etc. etc.?). Para mim, devem estar na universidade estudando, pesquisando e pensando nas melhores formas de nos livrar desses “podres poderes” e construir, com a nossa matéria-prima que é a “pá lavra”, com a licença poética, uma sociedade justa e digna em que todos(as) possamos viver em paz, com alegria e respeito por todos os seres.

2. (Revista Saridh) Que configuração adquirem os estudos discursivos no contexto do Nordeste brasileiro? E como as pesquisas aqui desenvolvidas alcançam questões relacionadas à (re)existência, à ética e à constituição política dos sujeitos?

Cláudia Rejanne: Marcada na “Sampa” de Caetano, em “Beradêro” de Chico César, no Manifesto dos Cordelistas “Mauditos” de Juazeiro, no cinema, na música, na literatura, a relação do Nordeste com o Sudeste sempre foi tensa. Diáspora, êxodo é um dos aspectos constitutivos da nossa identidade por causa das relações assimétricas de poder e da divisão dos bens econômicos e simbólicos que historicamente se constituíram no Brasil. Na ciência também não foi diferente.

Até bem pouco tempo, eram raros os programas de pós-graduação principalmente no interior do Nordeste. Ainda são poucos para o tanto de potencial e riqueza cultural: científica, política e até estética do nosso povo. No entanto, fizemos como diz o compositor cearense Ednardo: “as coisas vêm de lá, eu mesmo vou buscar”. Fomos buscar formação, qualificação e trouxemos para cá. Temos programas sólidos, reconhecidos, grupos de pesquisa importantes na área de Análise do Discurso, eventos potencializadores da pesquisa que nada deixam a desejar em relação aos ocorridos no Sul/Sudeste. A ideia é que se estabeleçam cada vez mais na região e que possamos olhar para as nossas questões e se alguém quiser sair para “ganhar o mundo” - porque o mundo todo é nosso e lugar de nordestino(a) é onde ele(a) quiser - que seja por opção e não por falta de opção. Se quisermos ser universais precisamos falar das nossas aldeias (que são várias e múltiplas), como dizia o prefixo de uma rádio de Recife: “Pernambuco falando para o mundo”. Precisamos que o Nordeste fale para o mundo. Podemos falar do que quisermos, mas precisamos também falar de nós, se não alguém vai fazer isso com seus próprios sotaques, não com os nossos.

A questão é como nos relacionamos com os espelhos que nos deram. Como nos colocamos diante do Sul/Sudeste? Como se colocam diante de nós? O meu alter ego nordestino é a personagem Jéssica (Camila Márdila) do filme “Que horas ela volta” (Anna Muylaert, 2015). Ela queria circular pela casa grande dos patrões da mãe (a doméstica Val, personagem de Regina Casé), queria entrar na universidade, realizar os sonhos. Então a mãe diz: “Jéssica, você não é melhor do que ninguém, não”. E Jéssica responde: “também não sou pior”. Dizem alguns que o golpe de 2016 que afastou a presidenta eleita do Brasil começou quando Jéssica passou no vestibular e Fabinho (personagem de Michel Joelsas, filho dos patrões) não passou. A vida é amiga e inimiga da arte...

Portanto, a partir dos nossos lugares de fala: a universidade, o conhecimento científico, as Análises de Discursos, podemos contribuir para pensar/agir sobre a realidade no sentido de modificá-la, inclusive no tocante a questões de nacionalidade/regionalidade. É preciso desinventar esse Nordeste seco, famélico,

saudosista do passado, da monarquia, do coronelismo, da escravidão e do patriarcado, no dizer do professor Durval Albuquerque Jr. É necessário acabar com o complexo de “nordestinado”, no dizer de Patativa e apontar na direção do nordeste rastapé *high tec*, maracatu atômico, martelo agalopado virtual, nordeste lapinha, reisado, frevo, maracatu, *heavy metal* em cearensês, Cariri travesti, nordeste *Jerus Allah in*, São Saruê, a nossa Pasárgada, nossa Jerusalém, um clássico da Literatura de Cordel, do poeta Manoel Camilo dos Santos, uma terra de promessa com montanhas de onde jorram leite e cuscuz. “Tomara meu Deus, tomara, uma nação como nós” (Alceu Valença). “Brote Nordeste Nação” (Hélio Ferraz), daqui do clã do Djavã para o adjá da futura grã-mestra da Cuscuz Clã.

3. (Revista Saridh) Qual a importância e implicação dos estudos de fundamentação discursiva para a abordagem e leitura dos textos, dos sentidos e, conseqüentemente, da realidade a que estamos submetidos na sociedade contemporânea? E, a partir disso, como pode ser discutido o lugar social do sujeito?

Cláudia Rejanne: A Análise do Discurso é um campo do saber de descrição/interpretação que se configura como uma ferramenta potente de construção de sentidos a partir de textos. A sociedade contemporânea é cada vez mais multissemiótica, multimodal e cada vez mais estamentada. O que se entendia no século XIX como uma divisão social de duas classes: uma que detém o poder e outra que não detém não consegue mais dar conta das lutas com setores sociais tão multifacetados. Marx falava de uma classe em si, a classe sem consciência de classe e a classe para si (com consciência), como o operário em construção, de Vinícius de Moraes: “de operário construído para o operário em construção”. Como pensar, pois, a sociedade brasileira hoje, por exemplo: uma mulher pobre, negra, nordestina, lésbica, artista que apoia um projeto de governo profascista com forte viés racista, homofóbico, misógino, que ignora o mínimo que o estado laico (mesmo que um tanto “catolaico”) brasileiro é, com forte apoio de algo próximo de uma ditadura talibã neopentecostal, onde traficantes evangélicos obrigam as pessoas a manterem

isolamento social enquanto destroem templos de religiões de matriz africanas. Descentralidade do sujeito elevada à 49ª potência. Será que Marx pensou que no futuro existiria uma classe contra si? Portanto, os lugares sociais do sujeito contemporâneo é por demais complexo. Lenine tem uma música que diz: “permanentemente preso ao presente o homem na redoma de vidro. Se na cabeça do homem tem um porão onde moram o instinto e a repressão, diz aí o que é que tem no sótão.”

Esse é o mal-estar da pós-modernidade: o humano atônito em meio a um “*hall*” de processos de identificação e desidentificação, que o determinam e cerceiam, fadando-o à significação e, ora como Minotauro ora como Perseu, ora como Ariadne, enredado nesses labirintos da ordem perigosa do discurso. E onde é que toda essa esquizofrenia que nos constitui pode ser encontrada? Nas instituições, nas disciplinas, nas relações de poder/dizer/saber, que nos chegam pelas mais diversas formas de semiotização, ou seja, nos discursos, materializados nos textos em sua multiplicidade de gêneros. A Análise do Discurso nos fornece, portanto, ferramentas de descrições/interpretações possíveis de compreender e nos locomover nesses labirintos.

4. (Revista Saridh) Se são os discursos que nos asseguram posições (formas de ser, modos de agir) de poder e de assujeitamento a saberes que nos imputam verdades, como discutir a relação poder, saber e resistência?

Cláudia Rejanne: O Mestre Gilberto Gil sintetiza essa relação na canção “Realce”: “a força é bruta e a fonte da força é neutra e de repente a gente poderá”. Classicamente, o marxismo nos disse que havia uma classe que tem o poder e outra que não tem o poder. Uma das grandes narrativas (as *metarécits*), ou utopias (no sentido etimológico de não-lugar, não porque é impossível, mas lugares não só possíveis como em alguns casos absolutamente necessários) da Modernidade foi o fim último do proletariado que seria destituir o poder de quem detém (a burguesia), tomar o poder para si e instituir uma sociedade sem exploração.

A sequência da história seria uma sociedade sem classes, sem estado, sem polícia. (Da série “Deus me livre mas quem me dera”. (Risos). Depois Foucault falou que as coisas

eram um pouco mais difíceis porque aquele Estado, aquele patrão, aquela escravidão, aquele senhor, aquele poder não estão em um lugar só, mas, como um olho que tudo vê, dilui-se nas nossas relações cotidianas, atingindo corações e mentes de tal forma que às vezes fica difícil identificar de onde vêm as opressões, por exemplo. E quando elas vêm das nossas próprias práticas cotidianas, sabendo que discurso é prática social e que nos quilombos também têm senzalas? O que Foucault não disse, creio, é que há nesses entremeios de poderes alguns que se configuram e se agrupam estabelecendo maior peso no cabo de guerra. Alguns duram séculos, como o capitalismo, por exemplo, dentre outros. Ou seja, é possível que haja alguns poderes mais “poderosos” do que outros. Nem tudo é assim tão diluído, tão capilarizado. E quando algumas forças se concentram muito em um certo polo, “o homem coletivo sente a necessidade de lutar”, como disse Chico Science. O fato é que onde há poderes há resistências. Isso quer dizer que o que chamamos de “o poder” não é assim também tão poderoso como pensamos. Os planos de extermínio, por exemplo, não saem todos como no *script*. Como disse Conceição Evaristo: “combinaram de nos matar e nós combinamos de não morrer.” Portanto, existem estruturas sociais profundas, no Brasil, por exemplo, em tempos de necropolítica patriarcal escravocrata.

As vozes das sombras da escravidão, da ditadura, romperam o silêncio, gritaram, elegeram presidente, deputados, senadores, governadores. Mas também há sujeitos sociais, cujas vozes foram historicamente silenciadas que também gritam, movem-se, principalmente ouvem-se umas às outras, se agrupam, falam de si no singular, no plural, falam dos seus “se saber seres”. A força é bruta, mas a fonte da força é neutra. De repente, quem sabe... Realce! Quanto mais purpurina e melanina melhor.

5. (Revista Saridh) Considerando as múltiplas posições-sujeito ocupadas pelo professor (fora e dentro da sala de aula) como discutir o seu papel de militância – no e pelo saber – face às demandas da educação no contexto brasileiro?

Cláudia Rejanne: O contexto de pandemia escancarou as realidades e as relações de poder absolutamente assimétricas no país em todos os aspectos. Na educação não foi

diferente. Os senhores da guerra não gostam de crianças, nem de cultura, nem de ciência, nem de educação. Além dos cortes drásticos de verbas para a pesquisa (chamado de “contingenciamento”), o maior contraponto a tudo que as ciências humanas, no nosso caso específico, as ciências da linguagem, elaboraram nos últimos cem anos é uma aberração científica, epistemológica, política, ética e até estética chamada “Escola sem partido”. Partido aqui pode ser lido como sinônimo de “ideologia”. Tanto que o principal foco dos ataques foi o que chamaram de “ideologia de gênero”, como se existisse alguma prática social humana isenta de ideologia.

As Câmaras de Vereadores de Crato e Juazeiro do Norte, no Cariri cearense, por exemplo, além de outras cidades, aprovaram uma lei que proíbe os professores de discutirem gênero. Muitos professores, estudantes e outros movimentos se mobilizaram. Às vezes é necessário sair da sala de aula porque as leis, por exemplo, não são votadas lá. Tivemos grandes embates com setores religiosos conservadores que querem tratar de questões sociais e de interesse coletivo com base em preceitos religiosos. O estado brasileiro é laico. Está na Constituição. Nesses tempos tão sombrios é necessário afirmar isso o tempo todo. O Estado laico não é anti-religioso, é supra religioso. Quer dizer que não se deve envolver em questões religiosas. O estado laico é o único que pode inclusive assegurar a liberdade de credo, caso alguma religião seja discriminada. Pensar que essa bandeira republicana é de trezentos anos atrás, da Revolução Francesa, é assustador. Portanto, ainda nem temos uma República, no sentido estrito, visto que grupos privados e meia dúzia de famílias controlam o estado brasileiro, não temos sequer um estado totalmente laico e já querem destituí-lo.

Outro aspecto a considerar: somos uma categoria majoritariamente feminina. Considere uma professora da Educação Básica, mãe de dois filhos, nesses tempos. Posições de sujeito? Cuidar de tarefas domésticas, acompanhar os filhos com as tarefas escolares, encontrar formas das crianças estarem ocupadas em casa, estudar, preparar aula, gravar vídeo, ministrar aulas, preparar atividades, receber atividades, corrigir atividades, devolver atividades, cuidar da própria saúde, manter o equilíbrio emocional...e ainda querem retornar as atividades presenciais, quando todos os órgãos

de saúde, com destaque para a Organização Mundial de Saúde (OMS), dizem que o isolamento social é a maior arma contra o vírus. Circulou na net um vídeo do sindicato das escolas particulares do Rio de Janeiro, cuja voz *in off* dizia que “os estudos científicos confundiram as pessoas” e que “trancar todos em casa não é ciência”. Ou seja, o intuito de desqualificar a ciência quando os postulados deste campo entram em choque com interesses econômicos demonstra que vivemos fortemente os efeitos mais da necropolítica do que do biopoder. Os desafios da resistência dos professores são muitos, ainda mais nesse contexto de pandemia. Como fazer revoluções através de *lives* e *podcasts*?

6. (Revista Saridh) A partir da relação cada vez mais íntima entre mídia, política e educação, o que constitui o desafio da tarefa de ler – discursivamente – o que é dito e o que nos chega através das telas e dos recursos midiáticos?

Cláudia Rejanne: O ministro da propaganda da Alemanha nazista Joseph Goebels dizia: “uma mentira dita mil vezes passará a ser verdade.” Estamos na Era da chamada pós-verdade (eleita a palavra do ano em 2016 pelo dicionário Oxford). Para multidões de pessoas no mundo inteiro não tem a menor importância se determinadas construções linguísticas ou mesmo imagéticas têm alguma relação com o que se conhece como “realidade”. É o aspecto extremo do processo de desreferenciação contemporâneo.

Esse fenômeno é profundamente grave e preocupante para o mínimo de democracia a duras penas conquistadas. 2016 (que ano! Nós brasileiros bem sabemos!) foi um marco nesse processo. O presidente do país econômica e ideologicamente mais influente do planeta foi eleito com base em assertivas do tipo: “Hillary Clinton fundou o estado islâmico”; “o desemprego nos EUA chega a 42%”; “Barack Obama é mulçumano” ou “o Papa Francisco apoia a candidatura”. Essas, dentre outras ideias foram veiculadas. O *fact checking* - verificação dos fatos - do *The Washington Post* chegou a registrar 7,6 mentiras por dia, em média, pronunciadas por aquele presidente. Nos primeiros cem dias de mandato a média era de 4,9 mentiras por dia. O recorde num só dia foi batido em 5 de julho de 2018, quando foram registradas 79 mentiras por parte do presidente.

Imaginemos, pois, um sem número de notícias fraudulentas, as famosas *fake news*, massivamente difundidas por empresas contratadas e milhares de perfis igualmente falsos.

Não precisamos imaginar porque conhecemos bem esta realidade. Ela caiu como um raio fulminante nas nossas cabeças tupiniquins em 2018, quando as sombras de um país escravocrata, ditatorial, classista, misógino, homofóbico, com uma classe média com medo do “comunismo”, da corrupção de esquerda (se for de direita não há nenhum problema); povo com medo do *kit gay*, da “ideologia de gênero”, da maconha “cheirada” e das orgias “praticadas” nas universidades, de Paulo Freire etc. etc. etc., encontraram também uma poderosa indústria de mentiras, a ponto de um cidadão inexpressivo, expulso do exército acusado de insubordinação e atos terroristas, envolvido com o que existe de mais anacrônico e abjeto no país, inclusive possível envolvimento pesado com nepotismo, corrupção e milícias, tenha sido içado à categoria de “mito” e eleito, mesmo que para isso tais pessoas precisassem abrir mão de direitos humanos elementares (outro item absolutamente ressignificado e ojerizado) e dos seus direitos previdenciários - ação denominada de “Reforma”, encetada, inclusive por governadores(a) de esquerda, por exemplo, porque os direitos trabalhistas foram ceifados (ato denominado de “flexibilização”) em governo anterior.

Diante de tudo isso, precisamos aprender a ler os discursos para poder nos mover nesses entremeios de poderes. Nossa democracia é frágil. Até a Proclamação da República foi um golpe de estado. Tivemos pouca vivência democrática. Tal situação dá margem para que líderes messiânicos, caudilhos e salvadores da pátria (de direita, esquerda, centro-direita, centro-esquerda) substituam simbolicamente as ações e práticas que deveriam ser do povo organizado e politizado. Infeliz da nação que precisa de “heróis”. Uma coisa são figuras emblemáticas, inspiradoras, outra coisa é um líder messiânico, salvador. Assusta-me também a falta de senso crítico de setores de esquerda, por exemplo, um amigo, pessoa queridíssima, inteligentíssima, que se referia ao ex-presidente indevidamente preso com o primeiro “e” maiúsculo na palavra “Ele”, tratamento que, em Língua Portuguesa, é destinado apenas ao Deus judaico-cristão.

Bom senso e sopa de legumes não fazem mal a ninguém, certo? Vamos combinar que a esquerda também comete erros e essa sacralização de posições de sujeito não ajuda, visto que os senhores da guerra estão no poder e odeiam a Educação, a cultura e a ciência. Povo educado, organizado e politizado, se for maltratado, vira facilmente povo rebelado, capaz de resistir a toda (des)informação e virar todo esse jogo.

7. (Revista Saridh) Considerando a configuração dos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil, como você analisa o espaço dado ao trabalho com discursos (via componentes curriculares, projetos de ensino, pesquisa e extensão) na formação do professor no Brasil?

Cláudia Rejanne: Courtine disse que para fazer Análise do Discurso é necessário ser linguista e esquecer que o é. Lembro-me de uma poesia de Cora Coralina também: “quanto mais longe vou mais estou voltando para casa”. No início, os estudos do discurso foram vistos com desconfiança, visto que estão inseridos nos programas de Letras, na área de Linguística. Creio que, por força da própria realidade, por conta das novas tecnologias da informação e comunicação, com sua multiplicidade de gêneros multimodais e das relações sociais e da força que tais elementos exercem sobre as línguas, a própria linguística teve que se redizer, se atualizar.

É impossível, por exemplo, pensar hoje a língua como um conjunto de signos verbais, quando temos, por exemplo, uma Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) cujo conjunto de signos não é verbal, mas gestuais, portanto, visuais. Não só as línguas de sinais, mas os sinais das línguas em geral não são somente verbais. A língua é um conjunto de signos verbo-voco-visuais. É um sistema, mas não um sistema que tudo contém. É um sistema que vive no batimento entre o drama da simetria e a felicidade da abertura, como dizia Pêcheux. Por isso vejo que, após um período de estranhamento (que nunca acaba totalmente. Freud chamaria de estranha familiaridade), os estudos do discurso têm encontrado abrigo nos Programas de Pós-graduação em Letras, na área de Linguística e como a vocação da AD é ser “trans”, suas teorias e métodos tem abrigo também na História, nas Ciências Sociais, Comunicação, Direito, mesmo nas Ciências

da Saúde. Vejo com crescimento mais desenvolvimento os grupos de pesquisa, os eventos e os projetos de pesquisa e extensão que trazem a leitura dos discursos no seu escopo.

Na graduação, a chegada ainda é mais lenta. Ainda há pouca presença de disciplinas do discurso nos componentes curriculares, o que precisa ser urgentemente revisto, tendo em vista os próprios documentos oficiais da área de Linguagem e Códigos. As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, documento conhecido como “PCNs +”, atesta que: “(...) o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem”. (BRASIL, 2006, p. 36). O documento traça, ainda, o perfil do aluno do ensino médio, na disciplina Língua Portuguesa:

O aluno, ao longo de sua formação, deverá conviver, de forma não só crítica mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital etc. – de modo que conheça – use e compreenda – a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais – literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva etc. (BRASIL, 2006, p. 32).

Portanto, para que atinjamos essa meta e esse perfil do aluno é necessário que haja uma mudança nas nossas composições curriculares dos cursos de graduação em Letras, no sentido de apontar para a urgência e necessidade de uma pedagogia do discurso e das multimodalidades. Defendo essa proposta, em consonância com as elaborações teóricas da nossa área em artigo publicado em parceria com o professor Marcos de França, um dos líderes do DISCULTI.¹

¹ GRANGEIRO, C. R. P.; FRANÇA, J. M. E. S. de. Livros, vídeos, memes, links à mancha: por uma pedagogia do discurso e das multimodalidades. In: LENDL, A.; SILVA, C. da; COSTA JÚNIOR, J. V. L. (Org.). **Ensino de línguas e literaturas**: questões da contemporaneidade. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2018. v. 01, p. 50-67. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325871626_ENSINO_DE_LINGUAS_E_LITERATURAS_QUESTOES_DA_CONTEMPORANEIDADE.

7. (Revista Saridh) Ao agradecermos muito sincera e cordialmente por sua atenção e disponibilidade em nos prestigiar com essa entrevista, deixamos aqui aberto este espaço para sua mensagem final.

Cláudia Rejanne: Expresso minha alegria e contentamento em participar desta edição da Revista Saridh – Linguagem e Discurso. Parabenizo aos(às) editoras(es) e aos(às) colaboradores(as) por protagonizarem este importante veículo de divulgação científica nesta área de estudos e ao Departamento de Letras do Centro de Ensino Superior do Seridó da UFRN por abrigar e apoiar o projeto. Desejo vida longa e próspera à Revista, agradeço o convite e a oportunidade de compartilhar um pouco da minha experiência e opiniões e coloco-me à disposição para futuras parcerias em eventos, publicações e as demais formas de diálogos e intercâmbios acadêmicos.

ⁱ Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA), do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/URCA) e Pesquisadora do DISCULTI – Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades.

E-mail: claudiarejanep@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1508574605124187>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5574-4494>